

O comitê secreto e a política da psicanálise no início do século XX

Myriam Chinalli

Para Freud, a criação de um Comitê Secreto visava a determinar de que maneira se poderia preservar a doutrina psicanalítica de qualquer forma de desvirtuamento ou má interpretação.

“Minha vida só tem interesse em sua relação com a psicanálise.”

SIGMUND FREUD¹

Antes de entrar propriamente no tema deste artigo – o papel do comitê secreto na expansão da psicanálise – decido buscar a origem da palavra *política*. Consulto, para isso, o *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*² e, para minha surpresa, só encontro lá o adjetivo *político*, que dá origem ao termo *política*. Ponho-me a pensar então que, realmente, o *político* nasceu antes da *política*, e isso foi ficando claro para

mim à medida que realizei as pesquisas para a elaboração deste texto.

O Comitê começou a atuar antes da Primeira Guerra Mundial, mas, segundo Ernest Jones, “foi depois da guerra que adquiriu a sua integral significação para Freud, do ponto de vista administrativo, científico e, sobretudo, pessoal. Na carta que escreveu a Eitingon, anunciando a sua qualidade de membro, Freud comen-

Myriam Chinalli é psicanalista em formação no Instituto Sedes Sapientiae, editora de livros e ensaísta. Este trabalho foi apresentado no curso “O percurso do movimento psicanalítico no século XX”, ministrado por Maria Cristina Gondim, na Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

tava: ‘O segredo deste Comitê é que tem aliviado de mim as minhas mais cansativas preocupações em relação ao futuro, e assim posso seguir calmamente o meu caminho até a etapa final’.³

Vamos ver aqui que razões levaram aquele grupo de “estrangeiros” à formação do Comitê e que medidas práticas foram tomadas durante os 15 anos de seu funcionamento – entre 1912 e 1927 – e que efetivamente contribuíram para a expansão da psicanálise.

Em 1907 e 1908, o círculo dos primeiros discípulos freudianos se ampliou com a adesão à psicanálise de Hanns Sachs (psicanalista vienezense, depois naturalizado americano), Sandor Ferenczi (psiquiatra e psicanalista húngaro), Karl Abraham (psiquiatra e psicanalista alemão), Ernest Jones (psiquiatra e psicanalista inglês), Abraham Arden Brill (psiquiatra e psicanalista americano), Max Eitingon (psiquiatra e psicanalista polonês) e Carl Gustav Jung (psiquiatra suíço).

Temendo o anti-semitismo e que a psicanálise fosse assimilada a uma “ciência judaica”, Freud, decidiu isoladamente “desjudaizá-la”, pondo Jung à frente do movimento. Muitos membros discordavam de Freud nessa escolha, entre eles Jones.

A partir de 1910, a expansão do movimento se caracterizou por dissidências, tendo como motivo divergências pessoais e questões teóricas e técnicas. Às rivalidades narcísicas se acrescentaram críticas sobre a duração dos tratamentos, a questão da transferência e da contratransferência, o lugar da sexualidade e a definição da noção de inconsciente. Em 1911, dois importantes seguidores de Freud, Adler e Stekel se separaram do grupo freudiano. Dois anos depois, Jung e Freud romperam todas as suas relações. Não suportando desvios em relação à sua doutrina, Freud publicou, às vésperas da Primeira Guerra Mundial, “A história do movimento psicanalítico”⁴, artigo em

A partir de 1910,
a expansão do movimento
se caracterizou por dissidências,
tendo como motivo
divergências pessoais
e questões teóricas e técnicas.

que denunciou as diferenças teóricas das obras de Jung e Adler em relação à dele.

Para Freud, a criação de um Comitê Secreto, composto de seus melhores defensores, tratava de determinar de que maneira se poderia preservar a doutrina psicanalítica de qualquer forma de desvirtuamento ou má interpretação. Inspirado no modelo romântico e iluminista das sociedades secretas do século XIX, o Comitê foi proposto por Ernest Jones para ser um círculo de iniciados, à maneira dos paladinos de Carlos Magno ou dos cavaleiros da Távola Redonda à procura do Santo Graal. Para selar a “sagrada união” entre os membros do Comitê, Freud entregou a cada qual um entalhe grego, que eles mandaram engastar em anéis de ouro.

Entretanto, ao longo do tempo, o trabalho do Comitê Secreto, em vez de evitar dissidências, levou a novos conflitos. Entre as muitas divergências que surgiram, como veremos adiante, estava o fato de que, apoiados por Jones, os berlinenses (Abraham e Eitingon) preconizavam a ortodoxia institucional, enquanto os austro-húngaros (Rank e Ferenczi) se interessavam mais pelas inovações técnicas.

Restringirei este trabalho a um recorte histórico, com ênfase na descrição da formação do Comitê, do perfil dos membros, da forma de comunicação entre eles e, por fim, dos conflitos que levaram à dissolução do grupo.

A formação

Ferenczi dissera a Jones que desejava que um pequeno grupo de homens pudesse ser analisado por Freud pessoalmente, “de modo que pudessem representar a teoria pura, não adulterada por complexos particulares, e assim formar um círculo secreto oficial e servir de centro onde outros (iniciantes) pudessem vir e aprender a obra”⁵. Embora considerasse isso uma solução ideal, Jones se deu conta de que não era muito prático. Como alternativa, sugeriu que fosse formado um comitê secreto ao redor de Freud. O objetivo era controlar os dissidentes (principalmente Jung) e manter Freud informado dos acontecimentos nos diversos países por meio de relatórios.

A reação de Freud foi muito entusiástica, conforme a carta enviada a Jones em 1º de agosto de 1912: “O que se apossou imediatamente

da minha imaginação foi sua idéia de um conselho secreto, composto dos melhores e mais dignos de confiança dentre os nossos homens, para tomar conta do desenvolvimento da causa e da defesa desta contra personalidades e acidentes quando eu já não viver. Você diz que foi Ferenczi quem propôs essa idéia, porém talvez ela seja minha, formulada em tempos melhores, quando eu esperava que Jung reunisse ao seu redor esse círculo composto dos líderes oficiais das associações locais”. Freud diria que a existência do comitê, para velar por sua criação, faria a vida e a morte mais fácil para ele.⁶

O Comitê Secreto foi formado em 1912, composto pelos discípulos mais fiéis de Freud: Ernest Jones, Karl Abraham, Hans Sachs, Otto Rank, Sandor Ferenczi; Max Eitingon juntou-se a eles em 1919. Anton von Freund esteve associado a esse grupo e foi considerado membro adjunto do Comitê até sua morte, em 1920. Assim, o grupo era formado por seis eleitos de Freud e pelo financiador da editora do movimento psicanalítico – Internationaler Psychoanalytischer Verlag.⁷

Na primeira reunião do Comitê, em maio de 1913, os cinco membros – Jones, Ferenczi, Abraham, Rank e Sachs – encontraram-se em Viena. Ali foram unidos por seu segredo, sua fé na teoria de Freud e sua dedicação pessoal a seu líder. Freud disse a Ferenczi que estava muito feliz com seus “filhos adotivos”.⁸ A reunião culminou com Freud presenteando cada um dos membros do Comitê com um antigo camafeu de sua coleção de antiguidades (que cada membro sobre pôs a um anel de ouro). O próprio Freud usava um anel gravado com a cabeça de Júpiter. Tradicionalmente, os camafeus tinham sido usados como sinetes em contratos antes que se usassem assinaturas escritas para autenticar documentos importantes. Os anéis eram votos de união eterna, simbolizando a lealdade de um grupo de irmãos a seu pai simbólico.

Jones assim descreve o funcionamento do Comitê: “As reuniões freqüentes, tanto em sessões plenas quanto somente com alguns membros, juntamente com uma correspondência regular mantida entre nós, faziam com que nos mantivés-

semos em contato com o que se passava no mundo da psicanálise. Ainda mais: uma política unitária, formulada pelos mais bem informados e que possuíam influência considerável, era uma vantagem inapreciável para enfrentar os problemas inumeráveis que se vinham acumulando – desentendimentos dentro da sociedade, a escolha de titulares de funções, os problemas levantados pelas oposições locais, e assim por diante”.⁹

Os “eleitos” de Freud

Em sua biografia de Freud, Jones descreve a escolha dos membros do Comitê: “Freud teve, durante toda a sua vida, muitos amigos não analistas, e todos eles, tanto quanto eu saiba, mantiveram-se fiéis a ele. Teve três amigos íntimos que compartilharam o seu trabalho científico – Breuer, Fliess e Jung – e todos os três o deixaram. Nós éramos os últimos amigos que ele havia de fazer. Dos cinco membros existentes no período anterior à guerra, era difícil distinguir como se distribuía a afeição de Freud. Ferenczi vinha evidentemente em primeiro lugar, em seguida Abraham, eu próprio, Rank e Sachs, nesta ordem. Devo também mencionar as nossas idades. Ferenczi era o mais velho, tendo nascido em 1873; em seguida vinha Abraham, de 1877; eu próprio, de 1879; Sachs, de 1881; Rank, de 1885. Rank foi o primeiro a travar conhecimento com Freud em 1906. Abraham, em 1907, Ferenczi e eu em 1908, e Sachs em 1910 (embora tivesse freqüentado suas aulas durante anos antes dessa data”.¹⁰

Ernest Jones¹¹ foi o presidente do Comitê durante a maior parte do tempo de sua existência. Ele nasceu no País de Gales, filho de um engenheiro de minas de carvão. Em 1900 formou-se em medicina pelo University College Hospital, em Londres. De 1903 a 1908, Jones viu-se em apuros constantes, que variavam

O Comitê Secreto
foi formado em 1912,
composto pelos discípulos
mais fiéis de Freud:
Ernest Jones, Karl Abraham,
Hans Sachs, Otto Rank,
Sandor Ferenczi;
Max Eitingon juntou-se
a eles em 1919.

de acusações de insubordinação a queixas feitas por pais de que falara sobre sexo com uma menina que era sua paciente. Ele conheceu Freud no Congresso de Salzburg, em abril de 1908. Em outubro de 1908, foi para a Universidade de Toronto, Canadá, a convite de C. K. Clarke, para ajudá-lo a fundar uma nova clínica psiquiátrica. Fez importantes amizades com psiquiatras americanos, mas após um escândalo sexual deixou a universidade em maio de 1913.

Sandor Ferenczi nasceu na Hungria. Seus pais administravam uma livraria e uma biblioteca para empréstimo de livros. Depois de formar-se em medicina em Viena, em 1894, tornou-se neurologista-chefe no Asilo de Indigentes Elizabeth, em Budapeste, e posteriormente foi nomeado especialista em psiquiatria no Tribunal Real de Justiça. Por intermédio de um colega, o doutor Philip Stein, conheceu Freud em fevereiro de 1908. Duran-

te o ano de 1912, Ferenczi estivera envolvido com uma mulher mais velha e casada, Gisella Palos, e apaixonou-se pela filha dela, Elma. Freud entrevistou para que ele se casasse com Gisella. Jones assim descreve a relação de Freud e Ferenczi: “Ferenczi, com a sua natureza infantil e aberta, com as suas dificuldades internas e suas fantasias desenfreadas, exerceu uma grande atração sobre Freud. Era, de muitas maneiras, um homem que se casava aos seus gostos. (...) Concomitantemente, a atitude de Freud para com Ferenczi era sempre paternal e estimulante”.¹²

Karl Abraham nasceu numa família bem estabelecida na Alemanha. Estudou medicina em várias universidades alemãs. Em 1904 foi designado por Eugen Bleuler para o Hospital Psiquiátrico Burghölzli, onde Carl Jung apresentou-o à obra de Freud. Seu primeiro encontro com Freud se deu em 1907, o mesmo ano em que Abraham mudou-

se para Berlim, em parte em virtude de suas divergências de Jung. Primeiro alemão a exercer a psicanálise, ele fundou a Sociedade Psicanalítica de Berlim em 1910. Foi analista de Melanie Klein. Abraham, nas palavras de Jones, era “certamente o membro mais normal de todo o grupo. Suas características mais preeminentes eram a firmeza, o bom senso, a perspicácia e um perfeito autocontrole. Quanto mais tempestuosa e difícil a situação, tanto mais retinha ele sua calma inabalável”.¹³

Otto Rank nasceu Otto Rosenfeld em Viena. Seu relacionamento com o pai foi tumultuado, e aos 19 anos mudou seu nome. Na primavera de 1905 conheceu Freud por intermédio do médico de sua família, Alfred Adler. Freud ficou impressionado com seu conhecimento enciclopédico e com seu manuscrito “A arte e o artista”, que Rank levou para o primeiro encontro dos dois. Freud incentivou Rank a fazer doutorado em literatura na Universidade de Viena. Jones comenta sobre ele: “Nunca pude saber como se mantinha, e suspeito que Freud, pelo menos em parte, sustentava-o financeiramente; era hábito de Freud fazer coisas que tais, de uma maneira discreta e sem que ninguém o soubesse. Dizia freqüentemente que, se um de nós se tornasse rico, o seu primeiro dever seria fornecer os meios financeiros necessários a Rank. Certa vez disse-me que na Idade Média uma inteligência como a de Rank teria encontrado um patrono”.¹⁴

Hans Sachs nasceu em Viena. Formou-se em direito em 1904, o mesmo ano em que leu *A interpretação dos sonhos*. Depois de assistir a várias conferências de Freud, foi visitá-lo com a cópia da tradução que fizera de *Barrack-Room Ballads*, de Rudyard Kipling (um dos poetas ingleses preferidos de Freud). Sachs ingressou na Sociedade Psicológica das Quartas-Feiras em 1909.

Abraham, nas palavras de Jones, era “certamente o membro mais normal de todo o grupo.” Suas características mais preeminentes eram a firmeza, o bom senso, a perspicácia e um perfeito autocontrole.

Max Eitingon nasceu na Rússia. Quando ele tinha 12 anos, sua rica família mudou-se para Leipzig. Antes de formar-se em medicina, trabalhou como voluntário no Hospital Burghölzli, onde ouviu falar de Freud pela primeira vez. Esteve na Sociedade Psicanalítica de Viena como visitante em janeiro de 1907. Depois de receber seu diploma de médico, juntou-se a Abraham em Berlim. Desde muito jovem, foi um sionista ardente. Em anos recentes, circularam boatos de que teria ligações com a KGB.

Segundo Grosskurth, Anton Freund também participava das reuniões do Comitê. Ele nasceu na Hungria, como Ferenczi. Estudou filosofia e se tornou um dos amigos mais próximos de Freud, depois que este o tratou de uma neurose consecutiva a um tumor maligno de um testículo. Ajudou financeiramente a causa psicanalítica, o que permitiu a Freud fundar a casa editora do movimento, a Verlag. Morreu em 1920, depois de doar uma soma de 11.000 coroas a Freud.

As cartas circulares (*Rundbriefe*)

Em 1920, o Comitê se reuniu às vésperas do VI Congresso da Associação Internacional de Psicanálise. Na ocasião, Freud propôs que eles trocassem regularmente cartas circulares (*Rundbriefe*). As cartas seriam escritas em intervalos semanais, cada membro escrevendo no mesmo dia. Jones escreveria de Londres, Abraham, Eitingon e Sachs, de Berlim; Rank, de Viena; Ferenczi, de Budapeste. A introdução das *Rundbriefe* foi o primeiro ato prático do Comitê.¹⁵

As cartas variavam de duas a sete páginas datilografadas. Depois de vários comentários gerais e de um relato da situação em cada sociedade, as questões formuladas pelos respectivos membros seriam respondidas por vez. Cada membro

recebeu a atribuição de comentar uma área da literatura psicanalítica. Ferenczi fixou uma agenda: as cartas conteriam assuntos científicos e informações pessoais, mas a política deveria ser excluída.

Queixas começaram a vir à tona praticamente desde que as cartas começaram a ser escritas. Jones conseguiu fundar uma editora inglesa internacional em Londres, além de uma livraria separada, para vender livros de psicanálise. Ele ficara muito entusiasmado com seu empreendimento, mas, com o passar dos meses, ficou claro que a loja não estava gerando capital. Rank queixou-se de que os membros ingleses não haviam pago sua contribuição para a manutenção da loja, como tinham prometido fazer. Para manter a loja em funcionamento, Jones transferiu dinheiro da editora para ela. Rank protestou contra essa mistura, sobretudo porque a editora já devia à Verlag de Viena. Rank insistiu em que a loja fosse fechada. Jones ficou na defensiva em relação à Rank e à Freud (que trabalhava em conjunto com Rank) em relação a esse tema.

Abraham também reclamava de que Viena estava atrasada em suas contribuições de resenhas de literatura psicanalítica. Diante das queixas, numa longa *Rundbrief* de 21 de outubro de 1920, Rank afirmou: “Chega disso. Lamentamos que esta correspondência que deveria servir de substituta para nossas relações pessoais seja estragada bem no início por um tom de discórdia. Mas, como amigos e analistas, vocês entenderão que este desabafo sincero é necessário, porque estou perdendo a paciência em face de dificuldades constantes”.¹⁶

Um dos principais temas de discussão nas *Rundbriefe* de 1921 foi o problema da oposição americana à análise leiga. Era difícil formular qualquer política clara sobre como lidar com a questão no que diz respeito aos americanos, já que Freud não possuía o controle pessoal que exer-

cia sobre os membros europeus. Havia suspeita em Viena de que Jones apoiava os americanos em sua insistência de que os analistas tinham de ter formação em medicina.

A questão de permitir que homossexuais se tornassem membros também surgiu em 1921. Jones e Ferenczi se opuseram ao ingresso deles, “porque na maioria dos casos eles são anormais demais” (1º de dezembro de 1921). Viena adotou uma posição muito mais tole-

As cartas
eram
datilografadas.
Continham
comentários
gerais e
um relato
da situação
em cada
sociedade.

rante. Em 11 de dezembro, Rank escreveu que eles achavam que “uma decisão deveria ser tomada individualmente, com base nas outras qualidades dos candidatos”. Além disso, impedir o ingresso dos homossexuais nas sociedades parecia ser uma forma de perseguição que não deveria ser tolerada. Rank escreveu numa carta a Berlim em 22 de janeiro de 1922: “Reconhecemos como corretos os argumentos contra o trabalho analítico de ho-

Também
entre Jones
e Freud ocorreu
um grande ponto
de discórdia:
o trabalho
de Melanie Klein.

mossexuais, mas faríamos a advertência no sentido de que não se aplique isso como uma regra geral. Temos de levar em consideração os diferentes tipos de homossexuais e os diferentes mecanismos do desenvolvimento da homossexualidade”.

Também a implantação da psicanálise na Rússia foi alvo de grande debate no Comitê. Ernest Jones não gostava dos marxistas de Moscou e apoiava um grupo paralelo formado na cidade de Kazan, enquanto Freud tinha opinião contrária. Quanto a Ferenczi, hostil ao comunismo desde a experiência da Comuna de Budapeste, não tomava posição. Freud recomendou o aceite da filiação dos moscovitas.

A publicação das *Rundbriefe* (cartas circulares) dos membros do comitê, guardadas em Nova York, na Universidade Columbia, prevista para 2010, deverá trazer um novo esclarecimento sobre o que foi a política do movimento psicanalítico nesse período da sua história.

Os conflitos

Freud sempre defendia Rank dos ataques, sobretudo de Jones e Abraham. As diferenças de idade e

de *status* começaram a ficar evidentes. Jones, Abraham e Ferenczi eram presidentes de suas respectivas sociedades. Eitingon, secretário da Sociedade de Berlim, também era seu rico benfeitor. Jones e Abraham geralmente concordavam em questões teóricas e políticas. Ferenczi teve boas relações com todos. Rank e Sachs, os membros mais jovens do Comitê e os únicos que não eram médicos, eram tratados como “inferiores” em todos os aspectos. Trabalharam juntos harmoniosamente como co-editores da *Imago*, em contraste com as constantes divergências entre Rank e Jones a respeito da Verlag e da recém-fundada *International Journal of Psychoanalysis*.

Em 1922, o grupo estava começando a dividir-se em pares de associação, com Jones e Abraham unindo-se e Rank e Ferenczi em constante guarda contra eles. Em junho Abraham afirmou que o objetivo da correspondência circular era discutir abertamente sugestões e opiniões. “Recentemente, observamos com pesar”, queixou-se, “que nossas sugestões foram rejeitadas por Viena sem nenhuma discussão efetiva, em especial várias sugestões feitas por minha pessoa”.

Freud sempre saía em defesa de Rank (26 de novembro): “Conseqüentemente, não há nada nessas cartas cuja responsabilidade eu não divida. A suposição de Abraham, estou certo, foi feita de um modo amigável, mas não posso apoiar nenhuma tendência possível, de qualquer fonte que seja, para produzir afetos contra Rank que na verdade sejam dirigidos contra mim”.¹⁷

O ano de 1922 terminou com cartas de Freud para cada um dos membros do Comitê separadamente (15 de dezembro) e com Rank (20 de dezembro) defendendo a restauração da harmonia.

Na primavera de 1923, Freud começou a viver seu próprio inferno pessoal, submetendo-se a uma série de operações para combater um câncer na boca. A partir de então, Anna Freud estaria inseparavelmente a seu lado. Ainda nesse mesmo ano Freud recebe os manuscritos de uma obra em que Rank e Ferenczi haviam trabalhado durante o verão de 1922, na qual enfatizavam a “técnica ativa” de Ferenczi. Rank também estava escrevendo sobre o trauma do nascimento. Assim que essas obras foram lançadas, Freud passou a acusar os autores de se desviarem da psicanálise. Os livros que seriam debatidos e refutados em congressos eram: *O desenvolvimento da psicanálise* (de Rank e Ferenczi), *O trauma do nascimento* (de Rank) e *Thalassa: uma teoria da genitalidade* (de Ferenczi).

Também entre Jones e Freud ocorreu um grande ponto de discórdia: o trabalho de Melanie Klein. A essa altura, Anna Freud ingressara no campo da análise infantil, e sua abordagem pedagógica era radicalmente diferente da de Melanie Klein, que tentava penetrar nos campos mais profundos do inconsciente de crianças que sofriam os efeitos de um superego persecutório muito precoce. Freud informou laconicamente a Jones que as idéias dela não eram apreciadas em Viena. No entanto, no verão de 1926

(sem informar a Freud) Jones convidou Klein a ir para Londres, para analisar a esposa e os dois filhos dele. Klein prontamente aceitou o convite pois a vida para ela em Berlim tornara-se insuportável desde a morte de Abraham, o único a apoiar suas idéias por lá.

A dissolução

Aborrecido com a recepção às suas idéias, Rank viajou para os Estados Unidos, mas os americanos não se agradaram de sua defesa da análise leiga e logo quiseram mandá-lo de volta a Viena. Em meados de dezembro de 1924, Freud começou a atender Rank em longas sessões diárias, para curá-lo de uma possível “neurose”. Depois disso, Rank passou a se comportar como um rato encurralado. Freud havia prevenido os americanos de que as teorias de Rank de forma alguma representavam as suas. O Comitê cerrara fileiras contra ele, e nem mesmo seu amigo e colaborador Ferenczi o apoiava mais. Sem o amparo da psicanálise oficial, as revistas científicas se fechariam à exposição de suas idéias, não ha-

veria alunos e não lhe seriam indicados pacientes.¹⁸

Sob a vigilância de Jones e Abraham, Rank voltou aos Estados Unidos – com o objetivo de corrigir o mal que fizera antes à psicanálise. Ele se afastou da psicanálise vienesse definitivamente nesse ano. Rank foi despojado de seu título de membro da Associação Americana de Psicanálise em 1930.

Abraham morreu no Natal de 1924. Com a morte dele, o afastamento de Rank e Jones sempre um pouco forasteiro, Freud não viu possibilidade de o Comitê continuar. A dissolução oficial ocorreria após o Congresso de Innsbruck, em 1927.

Dessa forma, depois de ter sido o laboratório imaginário de um ideal impossível de pureza doutrinal, e sobretudo um lugar de poder paralelo ao da direção da International Psychoanalytical Association (IPA), o Comitê foi perpassado pelos conflitos que pretendia evitar: entre os discípulos judeus e Jones, entre o norte e o sul (os berlinenses, de um lado, e os austríacos, de outro), entre Ferenczi e Jones, entre Ferenczi e Freud, entre Freud e Rank, entre os partidários da reno-

vação da técnica psicanalítica e os “ortodoxos”, entre uma política de expansão para os Estados Unidos e um fechamento no mundo europeu, entre outras questões muitas vezes de cunho pessoal.

Concluo este texto citando Jones: “O Comitê funcionou perfeitamente bem durante, pelo menos, dez anos, o que é de considerar-se notável tendo-se em conta um organismo tão heterogêneo. Depois desse período, surgiram dificuldades internas que, de certo modo, o afetaram. O destino dos membros individualmente considerado – por morte, exílio ou dissensão – (...) reflete as vicissitudes da vida em geral. Mas, na qualidade de único sobrevivente, mantenho a grata recordação desses anos em que formávamos um grupo feliz de irmãos”¹⁹. ■

Depois de ter sido
o laboratório imaginário de um ideal
impossível de pureza
doutrinal, e sobretudo
um lugar de poder
paralelo ao da direção
da IPA, o Comitê foi perpassado
pelos conflitos
que pretendia evitar.

NOTAS

1. O. Mannoni. *Freud: uma biografia ilustrada*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1994, p. 19.
2. A. G. da Cunha, *Dicionário etimológico: Nova Fronteira da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982.
3. E. Jones. *Vida e obra de Sigmund Freud*, Rio de Janeiro, Guanabara, 1979, p. 494-504.
4. S. Freud. “A história do movimento psicanalítico”, *Obras completas*, Rio de Janeiro, Imago.
5. E. Jones, *op. cit.*
6. *Idem.*
7. Cf. E. Roudinesco e M. Plon, *Dicionário de psicanálise*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998, p. 122-3.
8. P. Grosskurth. *O círculo secreto: o círculo íntimo de Freud e a política da psicanálise*, Rio de Janeiro, Imago, 1992.
9. E. Jones, *op. cit.*
10. *Idem.*
11. As informações biográficas basearam-se em P. Grosskurth., *op. cit.*
12. E. Jones, *op. cit.*
13. *Idem.*
14. *Idem.*
15. Cf. P. Gay, *Freud: uma vida para o nosso tempo*, São Paulo, Companhia das Letras, 1988, p. 387-8.
16. Cf. P. Grosskurth, *op. cit.*
17. *Idem.*
18. Cf. C. Roudinesco e M. Plon, *op. cit.*
19. E. Jones, *op. cit.*

espaço reservado MC
GUFFIN